

Reflexões sobre o documentário “O pesadelo de Darwin” e nas falas sobre as quatro ecologias, de Leonardo Boff.

Chocante é uma palavra que bem descreve as condições de vida dos habitantes do entorno do lago Vitória, na região central da Tanzânia. O documentário O Pesadelo de Darwin causou discussões entre eu e o amigo sentado ao lado, durante a sua exibição em aula, bem como com outras pessoas ao longo dos dias que se seguiram. Nos primeiros minutos do vídeo, eu e o meu colega nos perguntávamos, estarecidos “mas por quê essas pessoas não vão embora?”, “por qual motivo elas não se apoderam da produção desse peixe?”. Evidentemente, eram questionamentos rasos de duas pessoas chocadas. Os comentários evoluíram e falamos sobre como nos sentíamos privilegiados e, ao mesmo tempo, detentores de uma grande responsabilidade: justamente a de contribuir com a sociedade e com o planeta para a melhoria das condições de vida dos menos (ou nada) favorecidos.

Alguns pensamentos foram os que mais povoaram a minha mente após assistir ao documentário. Coloco-os em tópicos aqui:

- A utopia aparece no horizonte como algo distante e não tão distante ao mesmo tempo, sendo justamente o mundo onde seres humanos e os demais seres e elementos da natureza atuam em harmonia e desfrutam de recursos suficientes para viver com saúde física e mental. Essa visão seria também aquela apresentada por Leonardo Boff, ao falar das diferentes ecologias que permeiam a vida humana na Terra.
- A ecologia também pode ser definida como a atuação dos diferentes vetores de um sistema para a manutenção ou reestabelecimento de um dado equilíbrio entre si. Dessa forma, na ecologia da humanidade, não é possível o pleno bem estar de um sujeito se o outro não estiver em situação digna – ainda que eles estejam há milhas de distância um do outro.
- Em seu livro “Anarquia – sua filosofia e seu ideal”, Piotr Kropotkin faz uma analogia entre a sociedade e o organismo: se algumas células não vão bem, o tecido tampouco. Assim, provavelmente o órgão não estará em pleno funcionamento e, uma vez que órgão algum é independente, logo todo o organismo sente a falta de equilíbrio entre um certo grupo de células. A sociedade equilibrada (ecologicamente saudável e mesmo utópica) é aquela onde todos os seus elementos atuam em relativa harmonia, o desajuste de alguns desses vetores (como chama Kropotkin) exigirá um deslocamento de função dos demais, que será maior ou menor, para que seja então reestabelecida a ordem ecológica, ou inventada uma nova. É quando as forças

se organizam de modo inédito para compensar a mudança de uma condição no sistema que surge o novo, e a esse processo Kropotkin chama de revolução.

- Revisitando a analogia do raio, que é um evento pontual e que desorganiza o equilíbrio atmosférico, forçando os vetores de pressão e temperatura, e todas as cargas entre o solo e o céu a se readaptarem, penso que a utopia para o povo que vive às margens do lago Vitória possa se acercar por meio de uma “descarga educacional”. Não me parece possível que essas pessoas se apoderem das suas vidas e busquem por melhorias sem que recebam um estímulo desorganizador, algo que poderá mecher com as suas mentes e com as suas vidas, apresentando-lhes repertório para organizarem diferentemente os vetores da sua concepção de mundo, de vida, de sobrevivência e de dignidade.

- Assim como é paradoxal os tanzanianos morrerem de fome às margens de um lago do qual são retiradas 500 tolenadas de peixe ao dia – pescado por esses mesmos famintos, inclusive -, também é o fato de muitos brasileiros passarem pelo mesmo drama no país que é popularmente conhecido como “o celeiro do mundo”, um player mundial no comércio de commodities agrícolas e carnes.

- Novamente falando em ecologia, costumo me lembrar do clássico experimento da evolução de uma cultura de bactérias sobre a placa de petri. Após um tempo de vigoroso crescimento, a cultura atinge um patamar limitante, a partir do que passa a regredir em volume/ número de indivíduos. Essa evolução populacional ocorre em função da disponibilidade de recurso (o hagar, no caso) através do tempo em um sistema tecnicamente fechado. A diferença entre esse experimento e a evolução da população humana é apenas a espécie em questão e a variedade de recursos disponíveis. Vivemos em uma imensa placa de petri chamada Terra. A questão é que não somos bactérias e temos conhecimento e ferramentas que são úteis a gestão dos recursos disponíveis nesse sistema fechado. Temos portanto a desafiadora responsabilidade de harmonizar e praticar tais conhecimentos, aplicando tais ferramentas de modo “ecologicamente responsável”.

- O pesadelo de Darwin dá-se então no contexto das quatro ecologias propostas por Leonardo Boff, isto é, o desequilíbrio tal nas esferas social, ambiental, mental e integral que coloca em risco não apenas a existência de uma espécie (a humana), mas também de toda a complexa rede de seres vivos, forças climáticas e elementos em geral, os quais compõem a ecologia do sistema Terra, ou do que podemos chamar Gaia, um mega organismo do qual somos células.